UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA POLÍTICA

Anselmo Silva Monteiro

A VIDA EM TEMPOS DE PANDEMIA:

os impactos do COVID-19 entre os alunos de gestão pública

Belo Horizonte
2021

ANSELMO SILVA MONTEIRO

A VIDA EM TEMPOS DE PANDEMIA:

os impactos do COVID-19 entre os alunos de gestão pública

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Gestão Pública.

Orientandor (a): Ludmila Mendonça Lopes Ribeiro

Belo Horizonte
2021

AGRADECIMENTOS

A Deus, razão de tudo, pela oportunidade de continuar a minha caminhada e por conduzir a minha vida.

Aos meus pais, Gilmar e Marilene que sempre estiveram ao meu lado me apoiando em todos os momentos da minha vida, minha fortaleza.

Aos meus irmãos e sobrinhos pelo carinho e as alegrias partilhadas.

Ao Fabiano companheiro de todas as horas pelo apoio incondicional.

A toda minha família, tios e tias, primos e primas que sempre me encorajaram.

Aos amigos que fazem a vida mais leve, alegre e valer a pena, especialmente a quem compartilhei uma rotina de vida na faculdade: Gabriel, Guilherme e Stefano. Parceiros que a Gestão Pública me presenteou. E a todos os amigos que direta ou indiretamente participaram da minha formação, o meu muito obrigado.

Aos queridos companheiros de trabalho e agora amigos da Consultoria de Direitos Humanos da ALMG – GDH - pelos bons momentos vividos e partilhados.

O meu muito obrigado à Universidade Federal de Minas Gerais, que me proporcionou uma visão crítica das variadas ciências, ideologias e opiniões, sempre prezando pelo respeito às pessoas e às instituições.

A minha professora e orientadora, Ludmila Ribeiro pelos ensinamentos durante a graduação e também agora neste trabalho final. Gratidão pelo carinho e o cuidado, pela paciência e principalmente por me incentivar em todos os momentos. Com certeza, o resultado desse TCC produzido nesses difíceis tempos de pandemia também é seu.

Gratidão, sempre!

“...Andá com fé eu vou

Que a fé não costuma faiá...”

Gilberto Passos Gil Moreira

RESUMO

Há mais de um ano vivemos a pandemia de COVID-19. O isolamento social foi desde o início a principal medida sanitária recomendada pela OMS para evitar a doença e a sua proliferação o que desencadeou inúmeras mudanças na rotina de milhões de pessoas ao redor do mundo. A pandemia impôs ficar mais tempo em casa, estudar e trabalhar de forma remota e acarretou principalmente mudanças repentinas na sociabilidade doméstica. Considerando este cenário, o objetivo desta pesquisa é analisar os impactos do COVID-19 na vida e nas relações domésticas dos alunos do curso de gestão pública da Universidade Federal de Minas Gerais. A pesquisa realizada teve caráter quantitativo, e foi aplicada através de um *survey* que foi disseminado por meio eletrônico. Verificou-se que a pandemia e o consequente isolamento social trouxeram preocupações aos estudantes de gestão pública, como o aumento da violência e o tensionamento do lar.

Palavras chave: COVID-19; Pandemia; Impactos; Violência; Sociabilidade; Gestão Pública.

Sumário

INTRODUÇÃO **6**
1 - METODOLOGIA 6
REVISÃO DA LITERATURA **8**
1 - VIVENDO O NOVO NORMAL 8
2 - SEGURANÇA PÚBLICA NA PANDEMIA 9
3 - VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NA PANDEMIA 10
O SURVEY COM OS ALUNOS DO CURSO DE GESTÃO PÚBLICA **13**
1 - A PERCEPÇÃO DA SEGURANÇA PÚBLICA E DA VIOLÊNCIA NA PANDEMIA 16
2 - A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA DURANTE O ISOLAMENTO SOCIAL 22
3 - UM OLHAR FOCALIZADO NA PANDEMIA DENTRO DE CASA 25
CONSIDERAÇÕES FINAIS **31**
REFERÊNCIAS **33**

INTRODUÇÃO

A doença COVID-19 (Coronavirus Disease 2019) é uma infecção respiratória provocada pelo Coronavírus da Síndrome Respiratória Aguda Grave 2 (SARS-CoV-2). O primeiro alerta para o novo agente do coronavírus foi emitido pela Organização Mundial da Saúde (OMS), no dia 31 de dezembro de 2019; depois que autoridades de Wuhan informaram sobre casos de uma misteriosa pneumonia na cidade chinesa (G1, 27/02/2020). No dia 11 de março de 2020, considerando a rápida disseminação geográfica do Covid-19, a OMS elevou o estado da contaminação a uma pandemia (Agência Brasil, 11/03/2020).

Desde o momento em que foi decretada a pandemia de COVID-19, o isolamento social foi a principal medida sanitária recomendada pela OMS para evitar a doença e a sua proliferação, o que desencadeou mudanças abruptas na rotina e no dia a dia de milhões de pessoas ao redor do mundo (ARAUJO, 2020). No Brasil, como se não bastasse todos os desafios impostos pela pandemia, a população precisa conviver ainda com uma crise política, econômica e social que vem se agravando com os desencontros na gestão do enfrentamento ao novo coronavírus por parte dos nossos governantes, especialmente do governo federal (JESUS, 2020).

A proposta de um novo padrão de sociabilidade para garantir a nossa sobrevivência, o chamado “novo normal”, faz emergir algumas questões, tais como: (i) qual é a sensação de segurança durante a pandemia?, (ii) Como as pessoas têm reagido a esta nova realidade de ruas vazias e casas cheias?, (iii) Como tem sido a relação com a família ou com quem as pessoas residem?, (iv) A violência doméstica e a violência contra as mulheres aumentaram?, (v) Qual é o nível de tensão dentro do lar? Essas são algumas das perguntas que pretendo responder neste Trabalho de Conclusão de Curso.

1 - METODOLOGIA

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem como objetivo principal analisar os impactos da pandemia na rotina dos alunos do curso de Gestão Pública da Universidade Federal de Minas Gerais. Para tanto, utilizarei a base de dados gerada pela pesquisa “A Vida em Tempos de Pandemia: um estudo sobre os impactos do COVID-19”, feita através de um *survey* realizado com os alunos do Curso de Gestão Pública da Universidade Federal de Minas Gerais por meio de coleta eletrônica. O questionário ficou

disponível durante 30 dias, entre 22 de janeiro e 22 de fevereiro de 2021. Para a disseminação do formulário, utilizei o e-mail institucional do curso, além das redes sociais (Facebook e Instagram) e ferramentas de mensagem como o WhatsApp.

A amostra mínima pretendida foi de cem entrevistas, de modo a garantir uma boa cobertura do *survey* entre os alunos do Curso de Gestão Pública, que, segundo os dados da secretaria do curso, somam 300 alunos matriculados. A escolha dos alunos de Gestão Pública se deu por conta do interesse do autor deste trabalho em saber como os seus amigos e amigas de curso enfrentaram esta nova realidade imposta pela pandemia. Para a análise dos dados, o autor se valeu da revisão bibliográfica e da análise de notícias divulgadas pelos sites de jornais e revistas desde o momento em que foi decretada a pandemia em 11 de março de 2020 até 11 de março de 2021, vis-à-vis o *survey* com os estudantes de graduação em Gestão Pública da UFMG. A partir da conjugação dessas informações o trabalho busca verificar como o isolamento social afetou o dia a dia e as relações familiares dos alunos do curso de Gestão Pública.

REVISÃO DA LITERATURA

Nesta seção serão apresentados alguns conceitos essenciais para o desenvolvimento do trabalho, como o significado do que se convencionou chamar “novo normal” e seus efeitos sobre a ausência de fronteiras entre vida pública e privada, as políticas de segurança pública implementadas desde a chegada do coronavírus e as percepções relacionadas à dinâmica de crime e violência, com destaque para a que acontece em âmbito doméstico.

1 - VIVENDO O NOVO NORMAL

O ano de 2020 ficou marcado por um cenário mundial em que a pandemia da Covid-19 e suas consequências trouxeram diversas questões sociais à tona. Passado pouco mais de um ano do primeiro caso confirmado no Brasil nós, brasileiros e brasileiras, assim como a maior parte da população mundial, vivemos uma rotina muito diferente do que antes chamávamos de normal, tendo de adotar duras medidas de distanciamento social para evitar a propagação do novo coronavírus (HENRIQUES e VASCONCELOS, 2020).

Em momentos de crises, a forma como cada nação está lidando com a pandemia diz muito sobre sua história, seus dirigentes, suas instituições e sobre o seu patamar civilizatório. No caso brasileiro, que atingiu a triste marca de mais de 270 mil mortes no dia 13 de março de 2021 (ARREGUY e ESPINA, 2021), a pandemia de Covid-19 revelou não só a força de milhões de brasileiros e brasileiras dispostas a arregaçar as mangas e enfrentar o novo coronavírus com as armas da ciência e do conhecimento, mas também a capacidade de mobilização e superação de uma sociedade dinâmica e plural, mesmo diante da popularidade de um presidente da República negacionista e despreocupado com vidas (FBSP, 2020, p. 14).

Contudo, esta mesma sociedade parece anestesiada e pouco indignada com o morticínio e a violência que marcam nossa história social e política. Uma sociedade acostumada às altas taxas de violência letal ou sexual e disposta a acreditar em salvadores de pátria, discursos vazios e sem conexão com as reais mudanças necessárias que o nosso país tanto precisa (FBSP, 2020, p.14).

Pensar o contexto da pandemia de Covid-19 e do isolamento físico como única medida totalmente eficaz para reduzir a possibilidade de contágio, impôs a migração de boa parte da vida das pessoas para o espaço doméstico. De uma hora para outra, precisávamos estar dentro de casa, e a casa virou escola e faculdade, local de trabalho e de reunião com amigos e família (ANGOTTI e VIEIRA, 2020). Nesse sentido, Araújo (2020) afirma que durante o isolamento

em casa, o trabalho remoto e a diminuição da circulação nas ruas provocaram um esgarçamento de fronteiras e sentidos de “casa”, “trabalho”, “privado”, “doméstico” e “público”. Dessa forma, considerando as particularidades e a realidade de cada núcleo familiar, com o isolamento em domicílio e, consequente alteração na rotina da família, as relações familiares tendem a se intensificar, favorecendo o aumento de conflitos e até mesmo casos de violência doméstica.

2 - SEGURANÇA PÚBLICA NA PANDEMIA

A pandemia do novo coronavírus desponta como um dos maiores desafios da história recente da humanidade. A disseminação do vírus tem levado as instituições do Estado, em especial aquelas diretamente envolvidas com a gestão de populações, a implementarem o isolamento social com o objetivo de atenuar o contágio (MATARAZZO, FERNANDES e ALCADIPANI, 2020). Neste contexto, os autores evocam o papel das forças de segurança pública na garantia da governabilidade, especialmente no cumprimento da medida compulsória do isolamento social, e na segurança do pessoal e dos equipamentos de saúde, diretamente relacionados à profilaxia da doença.

A Covid-19 trouxe a tragédia e evidenciou falhas e deficiências em diversas áreas essenciais: saúde, educação e segurança pública. A carência na prestação de serviços públicos básicos não surgiu agora, em virtude da crise sanitária. É óbvio que se trata das dramáticas consequências decorrentes da péssima gestão administrativa e do falacioso discurso eleitoral populista, ludibriando a população ao longo de décadas (MALAQUIAS, 2020).

No caso da segurança pública, a Constituição Federal de 1988 em seu artigo 144 garante que, todo cidadão brasileiro tem direito à este serviço. É um dever do Estado, e representa, simultaneamente, uma responsabilidade de todos, sendo exercida para a preservação da ordem pública e da incolumidade das pessoas e dos patrimônios. Com a evolução da sociedade rumo a essa compreensão ampliou-se e, hoje, já se discute a Segurança Global, fundamentada no direito natural à vida, à saúde, à propriedade e à integridade das pessoas e do patrimônio (CARRIJO e MENEGUSSI, 2020).

A pandemia causada pelo SARS-CoV-2 tem implicado o esforço de todas as categorias profissionais a se posicionarem frente aos seus papeis no lidar com a COVID-19, reafirmando e recolocando a potência de suas contribuições diante da complexidade das exigências postas pelo momento que vivemos (MALFITANO, CRUZ e LOPES, 2020).

Algumas categorias profissionais foram apresentadas como essenciais para garantir minimamente o caminhar da vida, razão pela qual seriam poupadas das medidas de isolamento. Uma delas ganha destaque pela representação e necessidade social: os profissionais da área de Segurança (pública e privada). Profissionais estes que atuam em serviços essenciais públicos e privados e que trabalham com contatos físicos intensos e que, muitas vezes, não são previstos (CARRIJO e MENEGUSSI, 2020).

Matarazzo, Fernandes e Alcadipani (2020) pontuam que a polícia é uma das categorias da linha de frente do combate à pandemia mais vulneráveis ao contágio. A atuação das corporações policiais ainda segue carente de equipamentos EPIs, coletes balísticos com prazo vencido, munição "velha" e deficiente, viaturas em péssimas condições de utilização, além de tantas outras mazelas e, assim, correndo o "risco dobrado" de suas vidas em defesa da sociedade brasileira (MALAQUIAS, 2020). Nesse sentido, uma pesquisa realizada pela Fundação Getúlio Vargas em parceria com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública divulgada no mês de maio de 2020 apontou que, em São Paulo, 59,7% dos policiais civis e militares sentiam medo de contrair ou ter algum familiar contaminado pelo novo coronavírus. Pior, apenas 1/3 dos policiais do Brasil declararam ter recebido equipamento de proteção individual e treinamento para lidar com a pandemia em seu trabalho cotidiano (MATARAZZO, FERNANDES e ALCADIPANI, 2020).

Por outro lado, a população nunca demandou tanto a polícia. Além das ocorrências tradicionais, relacionadas a crimes e “perturbação da ordem”, somam-se as que dizem respeito à infringência das medidas de restrição ao funcionamento do comércio, aglomeração e não uso de máscaras, o que termina por sobrecarregar as forças policiais (MATARAZZO, FERNANDES e ALCADIPANI, 2020). Somam-se a elas as chamadas para o 190, relatando as ocorrências domésticas, o que cresceu substantivamente desde que o estado de pandemia foi decretado (FBSP, 2020). Por fim, as ruas ficaram mais vazias com os toques de recolher, o que aumenta a demanda por padrões de policiamento que possam impedir os crimes de oportunidade nesses espaços.

3 - VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NA PANDEMIA

O isolamento social imposto pela pandemia da COVID-19 traz à tona, de forma potencializada, alguns indicadores preocupantes sobre a violência doméstica e a violência familiar contra a mulher. As organizações voltadas ao enfrentamento da violência doméstica

já observaram aumento da violência doméstica por causa da convivência forçada, do estresse econômico e de temores sobre o coronavírus (VIEIRA, GARCIA e MACIEL, 2020). Desde que a Covid-19 chegou ao país, mulheres que tinham histórico de sofrer agressões passaram a correr mais risco de vida por serem obrigadas a permanecerem mais tempo em casa, muitas vezes com seus próprios agressores (JORNAL DA USP, 2021). Nesse mesmo sentido, Matosinhos e Araújo (2020) afirmam que, a violência doméstica contra as mulheres é uma realidade cruel porque é praticada dentro de casa e, com as medidas de isolamento social e as mulheres passaram a passar mais tempo com seu agressor, o que leva ao aumento de casos de violência doméstica. Infelizmente é um movimento intuitivamente esperado, mas para o qual temos poucas ações públicas.

Em abril de 2020, pouco depois de ser declarada a pandemia o chefe da ONU, António Guterres, pediu medidas para combater o "horrível aumento global da violência doméstica" dirigida a mulheres e meninas, em meio à quarentena imposta pelos governos na resposta à pandemia da COVID-19. O secretário-geral da ONU lembrou que a violência não se limita ao campo de batalha e que "para muitas mulheres e meninas, a ameaça parece maior onde deveriam estar mais seguras: em suas próprias casas". Ribeiro e Silva (2020) lembram que, tradicionalmente as mulheres precisam lidar com a sobrecarga dos trabalhos domésticos e o cuidado de idosos e crianças. A combinação de tensões econômicas e sociais provocadas pela pandemia, bem como restrições ao movimento, aumentaram dramaticamente o número de mulheres e meninas que enfrentam abusos, em quase todos os países (NAÇÕES UNIDAS BRASIL, 06/04/2020).

Segundo Sardinha e Catalan (2018), "mesmo em tempos de normalidade, o lar está longe de ser um lugar seguro para elas (apud RIBEIRO e SILVA, 2020). Com o confinamento domiciliar, os especialistas sobre violência doméstica estimam que os casos se multiplicaram neste momento de pandemia. Existem indícios de que a pandemia tenha aumentado a violência doméstica contra as mulheres, o que não aparece em todas as estatísticas, já que as vítimas também encontraram mais dificuldades no acesso às redes de proteção e aos canais de denúncia. Entre as pesquisas existentes, há indicativos de que pessoas de todas as raças, culturas, gêneros, orientações sexuais, classes socioeconômicas e religiões vivenciam casos de violência doméstica diariamente em decorrência da Covid-19 (FBSP, 2020). A instabilidade econômica, a moradia insegura, a violência na vizinhança e a falta de creches e apoio social seguros e estáveis aumentam o risco de violência doméstica (PEBMED, 2021).

Embora as medidas de isolamento social sejam imprescindíveis para frear o avanço do vírus, essa nova realidade escancarou a realidade perversa de milhares de mulheres brasileiras em situação de violência doméstica. Com o fechamento do mundo lá fora e cerceadas no próprio lar elas se viram obrigadas a permanecerem em casa com os seus agressores e consequentemente encontraram mais dificuldade para denunciar os seus agressores. Nesse sentido, o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) apontou a redução de crimes contra as mulheres, o que indica dificuldade de denunciar, já o número de feminicídios e homicídios aumentaram (FBSP, 2020).

No Brasil, segundo a Ouvidoria Nacional dos Direitos Humanos (ONDH), do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH), entre os dias 1º e 25 de março de 2020 houve crescimento de 18% no número de denúncias registradas pelos serviços: Disque 100 e Ligue 180. No país, o necessário isolamento social para o enfrentamento à pandemia escancara uma dura realidade: apesar de chefiarem 28,9 milhões de famílias, as mulheres brasileiras não estão seguras nem mesmo em suas casas (VIEIRA, GARCIA e MACIEL, 2020). Dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública comprovam esse avanço, o Brasil registrou 649 feminicídios durante a primeira metade de 2020, o que representa uma alta de 2% em relação ao mesmo período de 2019.

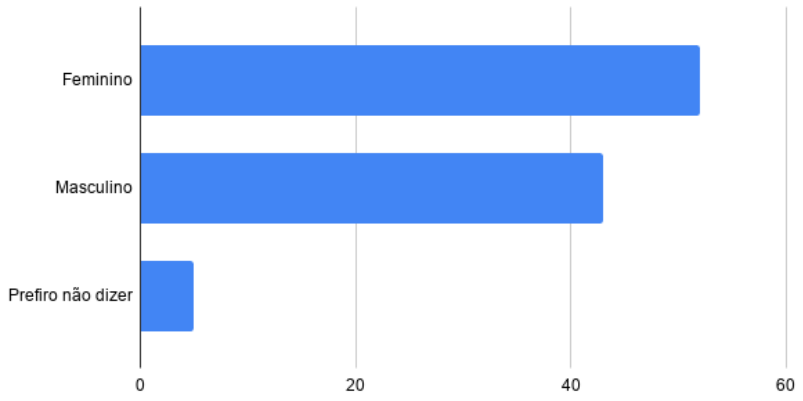
O SURVEY COM OS ALUNOS DO CURSO DE GESTÃO PÚBLICA

No dia 18 de março de 2020, a Reitora da Universidade Federal de Minas Gerais, Sandra Goulart de Almeida reuniu-se com o Comitê Permanente de Acompanhamento das Ações de Prevenção e Enfrentamento do Novo Coronavírus, e determinou a suspensão das aulas presenciais dos cursos de graduação, pós-graduação e extensão como forma de contribuir para a mitigação do avanço da pandemia da Covid-19 (UFMG, 24/03/2020). A partir deste ato e, com as aulas presenciais suspensas, milhares de alunos passaram a viver uma nova realidade: a ausência da rotina universitária e mais tempo dentro de casa como consequência direta do isolamento social.

Neste ínterim, a proposta aqui é entender um pouco o que mudou em termos de dinâmica de vida, sociabilidade e, especialmente, de interações violentas dentro de casa. Começamos, então, com a apresentação dos perfis dos alunos participantes do surveys, já que não foram todos que responderam à pesquisa. Além disso, a Pesquisa da Percepção do Medo em Minas Gerais, realizada pelo CRISP em 2010, ressalta que, em muitos casos, esses acontecimentos podem variar quando pensados em termos de sexo, idade, faixa de renda, local onde se vive, estado civil, escolaridade, dentre outros (CRISP, 2010).

Os participantes da pesquisa foram os alunos do Curso de Gestão Pública da Universidade Federal de Minas Gerais que estavam matriculados no semestre 2020/2. Tivemos cem respostas ao questionário, que foi disponibilizado durante um mês, por meio de formulário on-line. Entre os respondentes, 52% se declararam como do sexo feminino, 43% do sexo masculino e 5% preferiram não dizer, como indica o Gráfico 1.

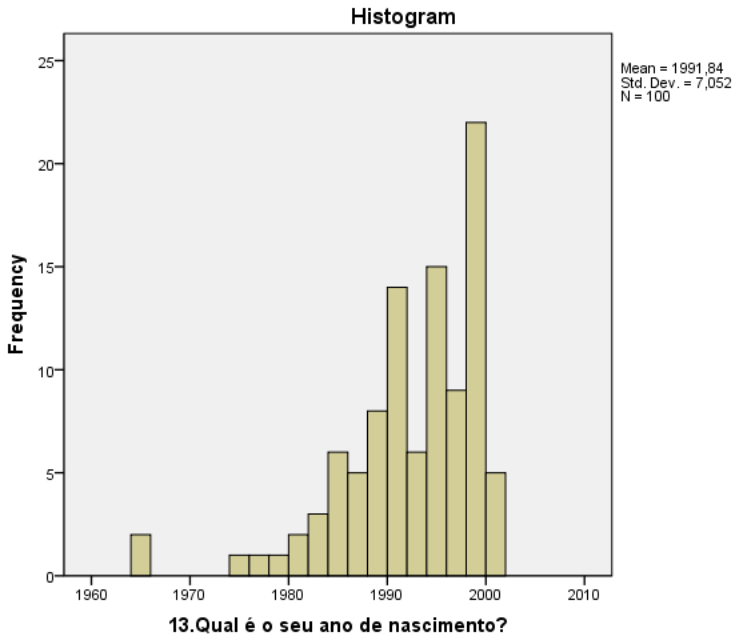
Gráfico 1: Alunos respondentes por sexo.



Fonte: A Vida em Tempos de Pandemia: um estudo sobre os impactos do COVID-19.

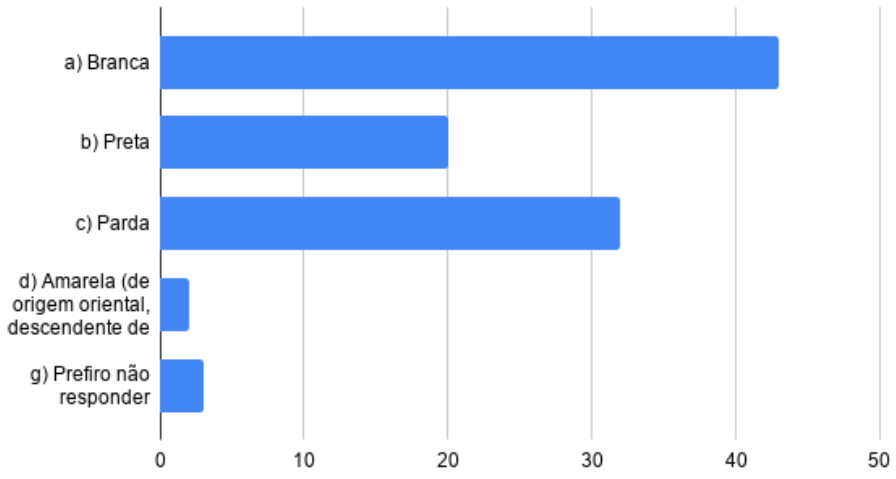
Em relação ao ano de nascimento a maioria dos alunos que respondeu ao *survey* nasceu na década de 1990, sendo que 63% nasceram entre os anos de 1990 a 1999. A média de idade foi de 30 anos.

Gráfico 2: O ano de nascimento dos alunos respondentes



Em relação à cor ou raça, a maioria se declarou branca (43%), seguido pelos que se declararam pardos (32%), pretos (20%), de origem oriental (2%) e não responderam (3%).

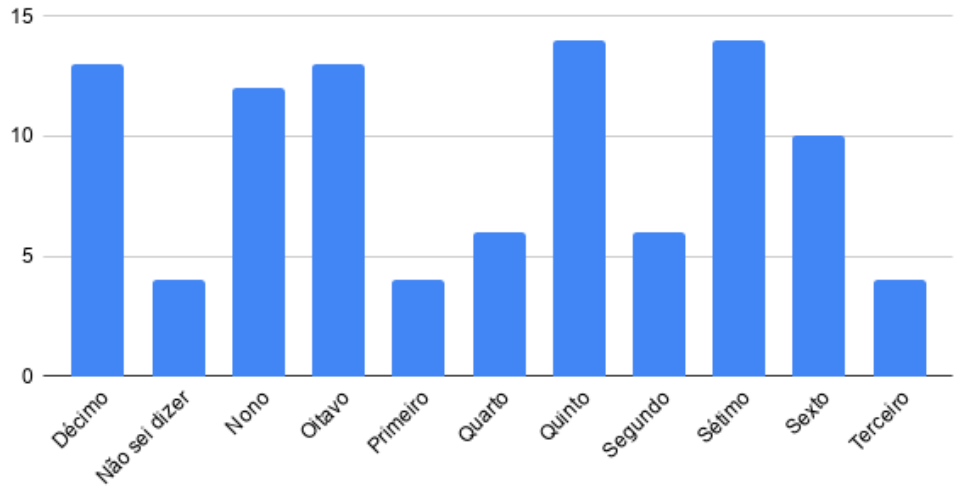
Gráfico 3: Cor ou raça dos alunos respondentes



Fonte: A Vida em Tempos de Pandemia: um estudo sobre os impactos do COVID-19

Em relação ao período que estão cursando, 14% responderam que estão no quinto e sétimo períodos, respectivamente, e 13% declararam estar no oitavo e décimo, 12% no nono, 10% no sexto período. Os períodos com menores percentuais de resposta foram o primeiro, o segundo e o terceiro, provavelmente, porque são alunos que estão mais distantes do autor desta monografia, o que torna mais difícil o acesso a esses públicos.

Gráfico 4: Período que os alunos respondentes estão cursando.



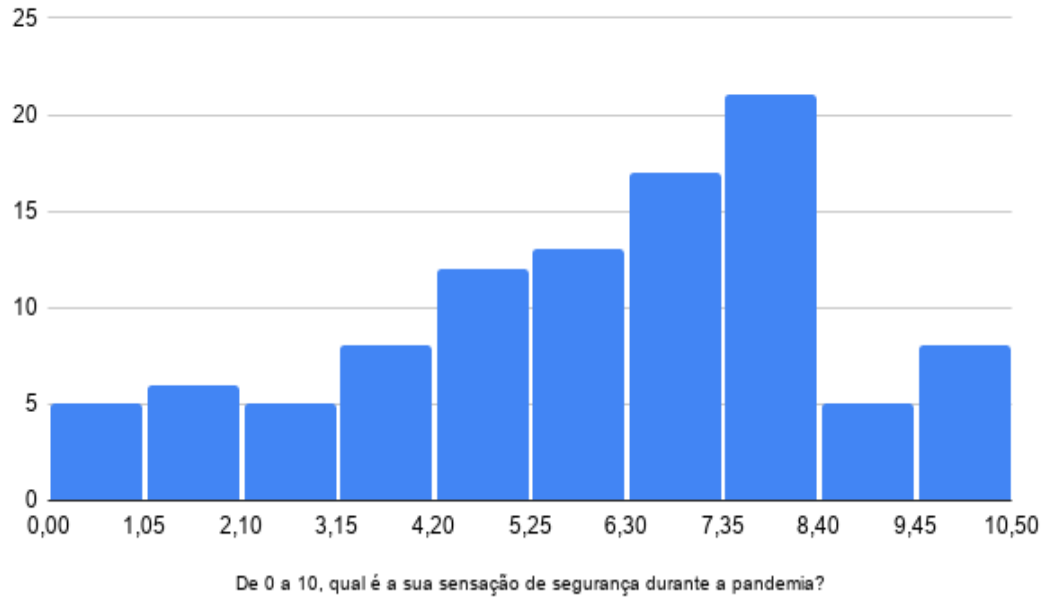
Fonte: A Vida em Tempos de Pandemia: um estudo sobre os impactos do COVID-19

A maioria dos alunos que respondeu ao *survey* está cursando a partir do quinto período, ou seja, a metade final do curso o que pode justificar um maior interesse em participar de pesquisas acadêmicas e, principalmente ajudar no entendimento do quanto a pandemia afetou suas vidas dentro e fora de casa. Este perfil é importante porque diferenciado da população como um todo – são sujeitos mais jovens, com mais elevado grau de escolaridade e, por isso, podem ter visões distintas quanto à dinâmica da violência e segurança pública em geral e em relação à dinâmica de violência doméstica em especial.

1 - A PERCEPÇÃO DA SEGURANÇA PÚBLICA E DA VIOLÊNCIA NA PANDEMIA

Discutir segurança pública e seus desafios em tempos de pandemia remete a alguns aspectos centrais. Por um lado, a redução sem precedentes da circulação de pessoas nas ruas, decorrente das medidas de isolamento social, levanta dúvidas sobre como serão afetados os índices de criminalidade dentro e fora do ambiente doméstico (RICARDO, 2020). Por outro lado, no momento em que o comércio está praticamente todo fechado e as ruas estão vazias, a sensação de insegurança é maior para quem tem que sair de casa. Nesse sentido, pedi aos entrevistados que avaliassem o nível de sensação de segurança durante a pandemia numa escala em que zero era nada e dez era muito. Os respondentes em sua maioria (21%) deram nota média de 8,40 pontos.

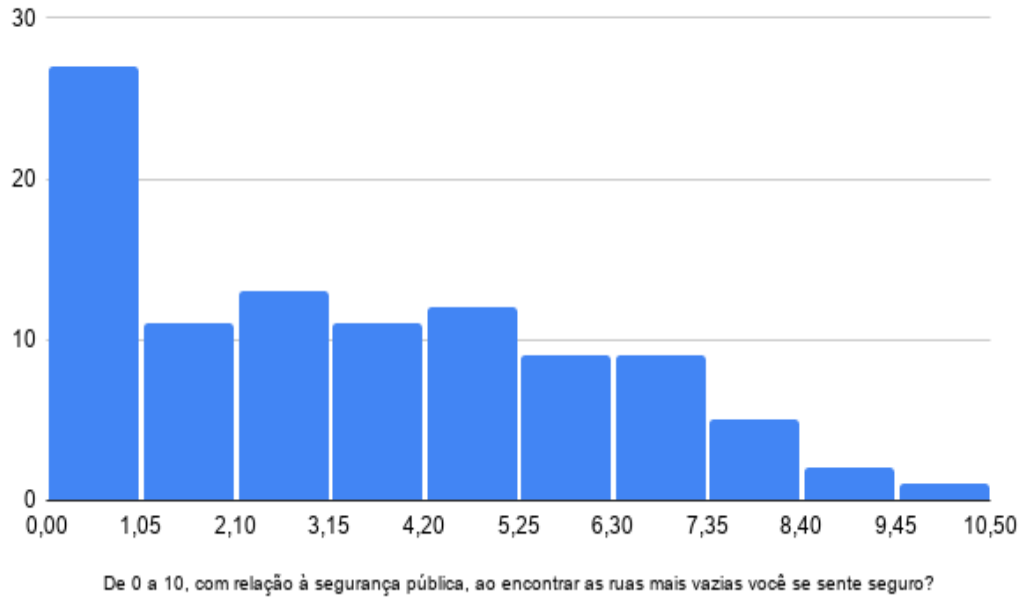
Gráfico 5: Classificação do nível de sensação de segurança numa escala de zero (nada) a dez (muito), durante a pandemia.



A Polícia Militar recomenda ao cidadão que for trafegar pelas vias públicas que tenha cuidado e se mantenha alerta, mas também garante que o efetivo foi ampliado para garantir a segurança. Recomenda-se ainda que mantenha bolsas, carteiras e sacolas junto ao corpo (à frente) e ao efetuar pagamentos verifique se não está sendo observado por estranhos. É importante ficar atento a tudo que ocorrer ao seu redor (Hoje em Dia, 20/03/2021). Assim sendo, pedi aos entrevistados que classificassem o nível de segurança numa escala em que zero era nada e dez era muito, ao encontrar as ruas mais vazias durante a pandemia. Com isso, pretendia avaliar a diferença entre sentimento de segurança em geral (mensurado na pergunta anterior) e sentimento de segurança nas ruas vazias.

Neste último quesito, 25% dos alunos da Gestão Pública deram nota zero, ou seja, ¼ dos entrevistados se sentem nada seguros com ruas vazias, o que contrasta diretamente com o gráfico anterior em que somente 5% deram nota zero ao sentimento de segurança durante à pandemia. É possível observar que a maioria se sente insegura ao transitar pelas ruas mais vazias durante a pandemia, o Gráfico 6 detalha a afirmativa.

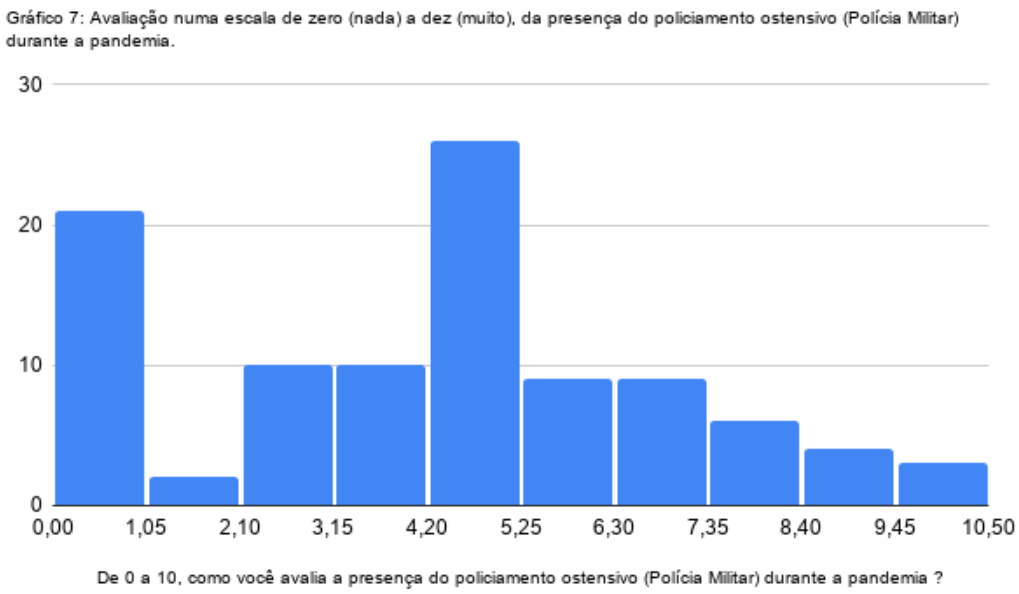
Gráfico 6: Classificação do nível de segurança numa escala de zero (nada) a dez (muito), ao encontrar as ruas mais vazias durante a pandemia.



Com a declaração da pandemia do COVID-19 pela Organização Mundial de Saúde (OMS), a Polícia Militar desenvolveu diversas medidas para minimizar os reflexos na seara da segurança pública. Em 20 de março de 2020, foi lançada a operação "Minas Segura – Enfrentamento ao COVID-19", com o objetivo de reforçar o policiamento em toda a Região Metropolitana de Belo Horizonte. Dentro do conceito de malha protetora, a Academia de Polícia Militar (APM) entrou como esforço suplementar, com os discentes da EFO e EFAS sendo empregados diuturnamente, em apoio ao policiamento ordinário. Visa, assim, intensificar as operações e garantir a integridade física e incolumidade das pessoas, por meio da adoção de medidas preventivas de emprego do efetivo policial em pontos específicos, aumentando a visibilidade da PMMG, e consequentemente, pretende aumentar a sensação de segurança da sociedade mineira (PMMG, 06/04/2020).

Para testar essa hipótese de que as pessoas estariam se sentindo mais seguras desde o começo da pandemia, em razão das medidas adotadas pela PMMG, pedi aos entrevistados que avaliassem a presença do policiamento ostensivo durante a pandemia, numa escala em que zero era nada e dez era muito. A maioria dos entrevistados (26%) deu nota média cinco pontos, o que significa que para os alunos do curso de Gestão Pública a maior presença ou total ausência do policiamento ostensivo durante a pandemia não foi sentida. No entanto, para outros 21% a nota média foi zero, avaliando como baixa ou inexistente a presença do

policiamento ostensivo durante a pandemia, como se pode observar no Gráfico 7.

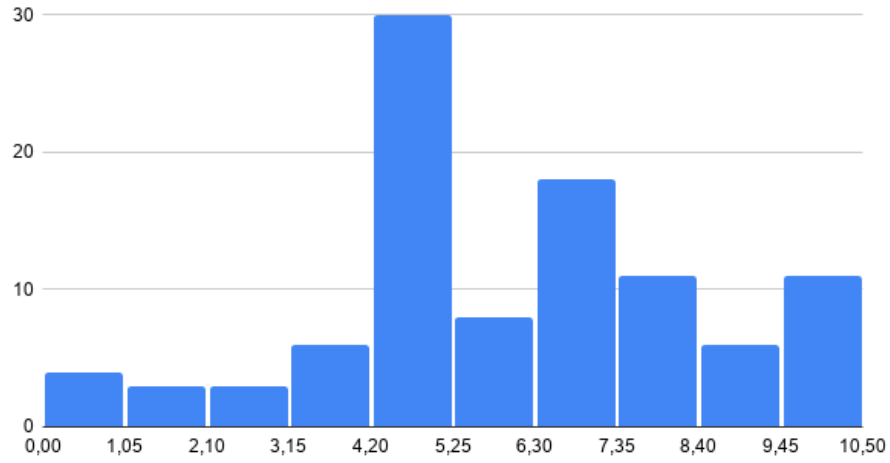


Todavia, as medidas de isolamento impactam, além da segurança pública, outras dinâmicas urbanas e sociais. Há, por exemplo, a queda de faturamento dos comerciantes devido à pandemia do novo coronavírus, principalmente daqueles que, como em Belo Horizonte, foram obrigados a baixar as portas por prestarem serviços não essenciais. Alguns desses lojistas relataram a vitimização por crime, sendo que arrombamentos, furtos e destruição de equipamentos foram algumas das queixas (MORAES, 2020). O porta-voz da Polícia Militar em Minas Gerais, o major Flávio Santiago, no entanto, afirma que não houve aumento de crimes durante a pandemia, pelo contrário, eles diminuíram. "Com o coronavírus, é claro que você tem menos pessoas nas ruas, você tem menos o crime de assaltar pessoas. Mas a gente já vinha com redução do crime, e isso continua. Não teve nenhum crime que teve acréscimo nesse período", disse. Ainda de acordo com o militar, a corporação teve um aumento em seu efetivo nesse período. "Nós não temos diminuição de efetivo. Temos o suporte das forças acadêmicas do Batalhão Metrópole (policiais do administrativo). Temos uma redução de todas as modalidades criminosas. É claro que uma ou outra situação pode ter acontecido com pontualidade, mas a gente checa", afirmou (MORAES, 2020).

Para testar essa hipótese de que, com a pandemia, as pessoas estariam mais susceptíveis a furtos e roubos em casa ou estabelecimentos comerciais, pedi aos entrevistados que avaliassem a ocorrência desses eventos durante a pandemia, numa escala em que zero era

nada e dez era muito. A maioria dos entrevistados, 30%, deu nota média 5,00 pontos o que significa que para os alunos do curso de Gestão Pública que responderam ao *survey* não houve um aumento significativo na percepção destes crimes. Mesmo com a afirmação do porta-voz da Polícia Militar, de que houve reforço no policiamento na pandemia, devemos considerar que a maioria dos respondentes deu nota entre 5,00 e 10,00 pontos com destaque para 18% dos alunos que deram nota 7,00 pontos. Ou seja, na percepção deles houve sim um aumento no número de furtos e roubos a lojas e residências no período pandêmico como se observa no Gráfico 8.

Gráfico 8: Avaliação de percepção de ocorrências de furtos e roubos em lojas e residências durante a pandemia, numa escala de zero (nada) e dez (muito).



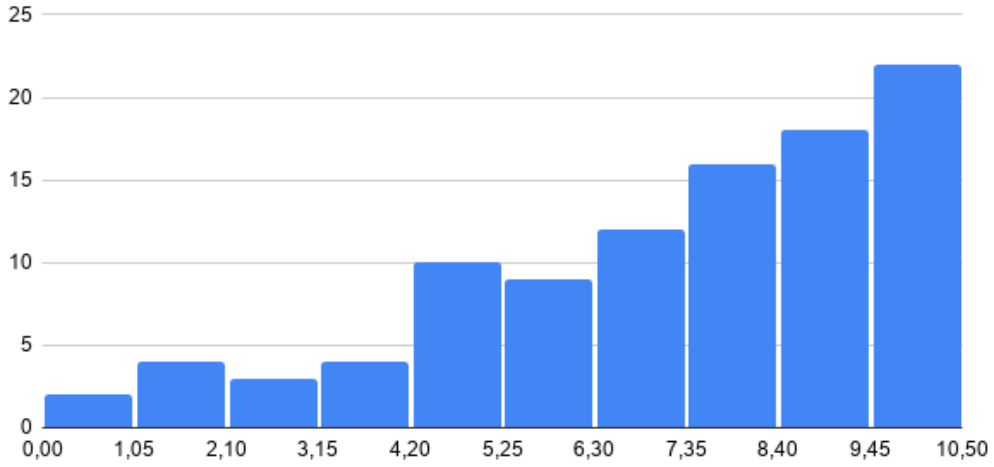
A mudança na rotina das cidades causada pela pandemia do novo coronavírus trouxe uma série de alterações na criminalidade no Brasil. O número de crimes patrimoniais, como furtos e roubos diminuiu, enquanto homicídios dolosos se tornaram mais frequentes. Além da diminuição de crimes contra o patrimônio, houve queda na apreensão de armas e drogas. Também caiu o número de estupros e lesões corporais dolosas (CAETANO, 2020).

Na contramão da queda de alguns crimes, o Brasil teve uma alta de 8% no número de assassinatos em abril de 2020 em comparação com o mesmo período de 2019. É o que mostra o índice nacional de homicídios criado pelo G1, com base nos dados oficiais dos 26 estados e do Distrito Federal. De acordo com a ferramenta, houve 3.950 mortes violentas em abril de 2020. No mesmo mês de 2019 foram 3.656. O crescimento ocorre mesmo em meio à pandemia da Covid-19, em um mês onde medidas de isolamento social foram adotadas em todo o país (G1, 17/06/2020).

Segundo o Governo do Estado, mesmo com a pandemia, Minas Gerais encerrou 2020 com recorde na redução da criminalidade pelo segundo ano consecutivo. De janeiro a novembro, houve queda de 33,3% nos crimes violentos, o melhor resultado em criminalidade dos últimos nove anos. Esse percentual representa a ocorrência de menos 21.194 mil crimes violentos em relação a 2019. O indicador crimes violentos é o somatório dos seguintes crimes: homicídio tentado e consumado, extorsão mediante sequestro, sequestro e cárcere privado tentado e consumado, estupro tentado e consumado, estupro de vulnerável tentado e consumado, roubo tentado e consumado e extorsão tentada e consumada (AGÊNCIA MINAS, 2020).

Para testar essa hipótese de que durante a pandemia as pessoas teriam sofrido menos com a criminalidade, pedi aos alunos do curso de Gestão Pública que classificassem seu nível de medo de sofrer algum tipo de violência nas ruas durante a pandemia, numa escala em que zero era nada e dez muito. Apesar das estatísticas demonstrarem queda nos índices de criminalidade, 22% dos respondentes atribuíram nota 10,00, o que significa preocupação elevada em sofrer algum tipo de violência nas ruas. Tal fenômeno foi demonstrado também por 18% e 16% dos alunos que classificaram o "seu medo" com notas 9,00 e 8,00, respectivamente.

Gráfico 9: Classificação do medo de sofrer algum tipo de violência na rua durante a pandemia numa escala de zero (nada) e dez (muito).



Fonte: A Vida em Tempos de Pandemia: um estudo sobre os impactos do COVID-19

Portanto, vimos que apesar da maioria dos alunos afirmar que se sente segura durante a pandemia, o mesmo não se pôde observar nas respostas posteriores. Por exemplo, quando eles precisam transitar por ruas mais vazias, relataram que se sentem muito inseguros. Esta

questão pode de certa forma estar relacionada ao fato de que grande parte dos alunos tem avaliado a atuação do policiamento ostensivo como ausente ou inexistente. Nesta mesma linha, os alunos de gestão pública acreditam que houve aumento nos casos de furtos e roubos a estabelecimentos comerciais e demonstraram ainda muita preocupação em sofrer algum tipo de violência nas ruas durante a pandemia.

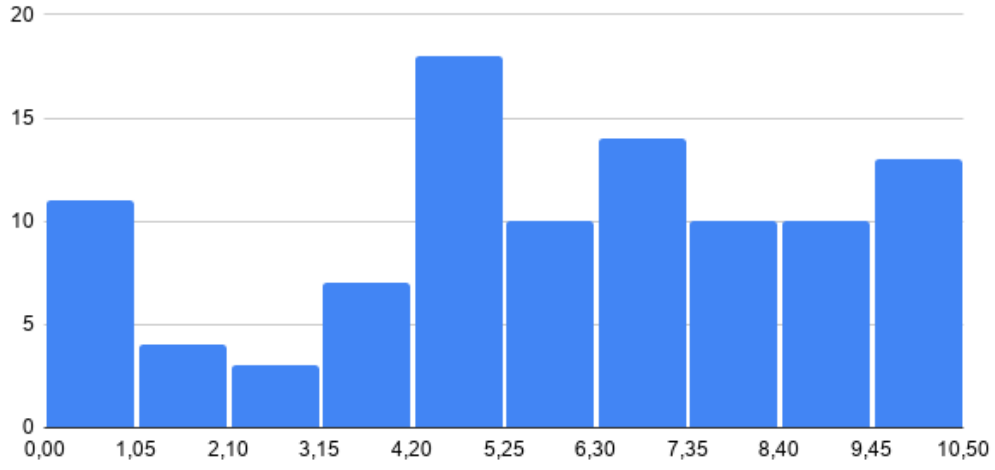
2 - A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA DURANTE O ISOLAMENTO SOCIAL

A necessidade da prática do isolamento social decorrente da pandemia do COVID-19 trouxe muitos reflexos para a vida de todas as pessoas, positivos para algumas e negativos para outras. Isso se deve a uma série de fatores, como a perda ou diminuição da renda familiar em razão do desemprego, suspensão das atividades laborais, sobrecarga das tarefas domésticas (incluindo o cuidado dos filhos fora da escola), aumento do consumo de bebidas alcoólicas, isolamento da vítima de seus amigos e familiares, e outras situações que aumentam o tensionamento nas relações domésticas (PICCINI e ARÁUJO, 2020).

As casas, vistas de perto e por dentro, são lugares de muitas ambiguidades. São os espaços onde cuidado e violência, afeto e dinheiro, liberdade e aprisionamento, intimidade e vida pública se misturam e frequentemente são faces dos mesmos processos vitais MOTTA, (2020). É essa densidade que as tornam espaços especialmente críticos durante as políticas de isolamento impostos pela pandemia pois tem a ver com uma questão central que é a casa como um espaço de existência comum (MOTTA, 2020).

Considerando a complexidade dessas relações domésticas durante a pandemia, pedi aos alunos que avaliassem sobre a convivência mais próxima e por mais tempo com as pessoas que residem na mesma casa, numa escala em que zero era ruim e dez era muito boa. A maioria dos respondentes (80%), deu nota acima de 5,0 pontos, o que significa que, para os alunos do curso de Gestão Pública que responderam ao *surveys*, houve uma mudança muito significativa nas relações do dia a dia com as pessoas que residem com eles, mas para melhor. Devemos considerar também que os maiores percentuais das respostas estão avaliados entre 5 e 10, razão pela qual podemos concluir que a rotina dos alunos com os seus familiares e pessoas mais próximas tiveram muitas mudanças positivas mesmo com o isolamento social como podemos observar no Gráfico 10.

Gráfico 10: Avaliação da convivência mais próxima e por mais tempo com as pessoas que residem na mesma casa, numa escala de zero (ruim) a dez (muito boa).

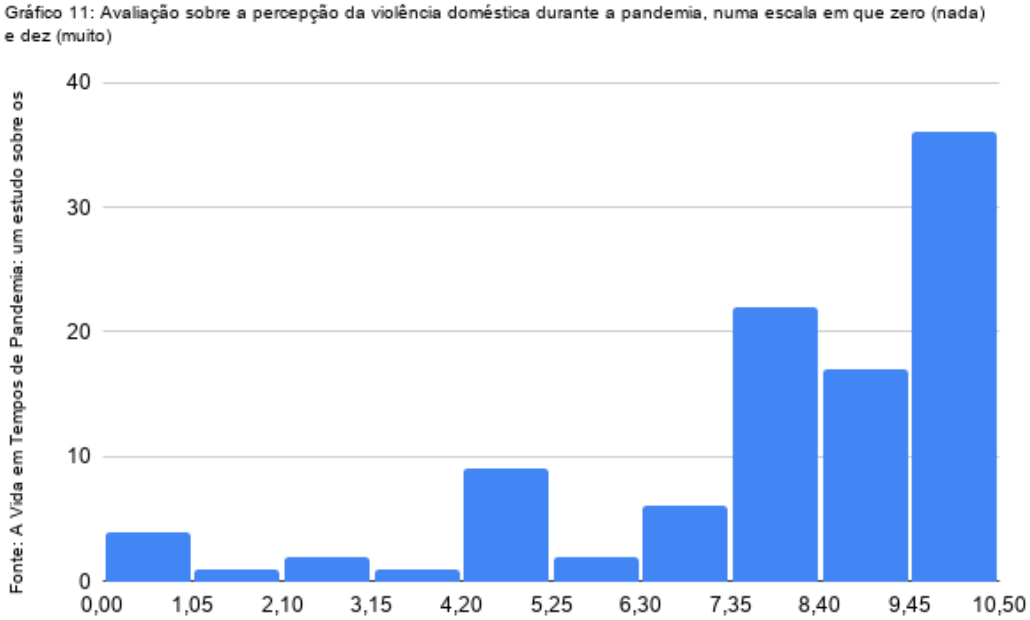


Fonte: A Vida em Tempos de Pandemia: um estudo sobre os impactos do COVID-19

Um dos problemas de excesso de convivência das pessoas dentro do lar é que isso pode desaguar em conflitos e violência. Diferentes países do mundo verificaram crescimento dos números de violência contra meninas e mulheres, em especial a doméstica, durante a pandemia de Covid-19, tal como França, Itália, Espanha, Portugal, China, Estados Unidos, dentre outros. Desde meados de março de 2020, com a intensificação da pandemia de Covid-19 em todo o mundo e especificamente no Brasil, diversos estados do país adotaram medidas de isolamento social com o objetivo de minimizar a contaminação da população pelo novo vírus. Embora essas medidas sejam extremamente importantes e necessárias, a situação de isolamento domiciliar tem consequências perversas para as milhares de mulheres brasileiras em situação de violência doméstica, na medida em que elas não apenas são obrigadas a permanecerem em casa com seus agressores, mas também podem encontrar ainda mais barreiras no acesso às redes de proteção às mulheres e aos canais de denúncia (FBSP, 2020). Logo, mensurar essa violência tem se colocado como um desafio na medida em que muitas das mulheres estão confinadas com seu agressor e tem enorme dificuldade de fazer a denúncia em um equipamento público (FBSP, 2020).

Para testar a percepção de que a violência doméstica na pandemia teria aumentado, pedi aos alunos que avaliassem numa escala em que zero era nada e dez era muito. A maioria dos respondentes (36%), deu nota 10,0. Outros 17% deram nota 9,0 e 22% deram nota 9,00 o que significa que, na percepção da maioria dos alunos do curso de Gestão Pública que responderam ao surveys, a violência doméstica aumentou durante a pandemia como se pode

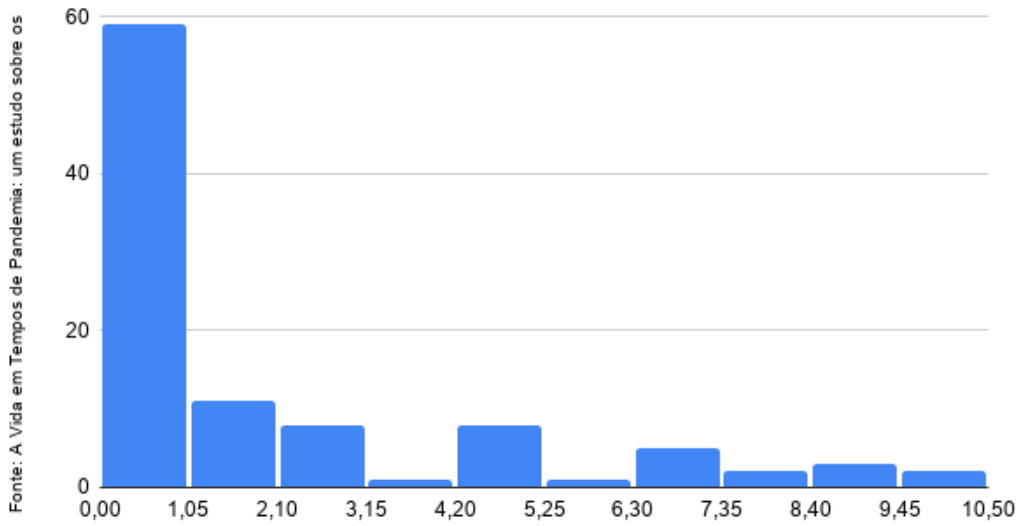
observar no Gráfico 11.



A casa como lugar da vida de conjuntos de pessoas é um processo social dinâmico. Em tempos de pandemia, "ficar em casa" se mostra então uma experiência complexa: as pessoas permanecem mais tempo nela e novas atividades são trazidas para dentro desse lugar de vida. Homens e mulheres que trabalhavam fora se veem reinventando tarefas em trabalho remoto (ARAUJO, 2020). Longe dos olhos dos defensores, frágeis, inocentes, indefesos e dependentes, as crianças e adolescentes fazem parte de um grupo dos que sofre ainda mais com a violência doméstica diante da quarentena e do isolamento social impostos pela pandemia. Mulheres e idosos também enfrentam o mesmo horror (MONTEIRO, 2020).

Neste contexto, o medo de sofrer algum tipo de violência dentro de casa se torna real e presente para muitas pessoas. Por isso, para testar essa hipótese de que a pandemia significava maior risco de violência doméstica, pedi aos respondentes que classificassem o medo de sofrer algum tipo de violência dentro da própria casa durante o período de pandemia numa escala em que zero era nada e dez era muito. A maioria dos alunos (49%) atribuiu nota zero, ou seja, não temem sofrer violência dentro das suas casas. Tal percentual pode ser justificado se levarmos em consideração a idade média dos respondentes que é de 30 anos (conforme Gráfico 2) portanto, adultos jovens que são menos vulneráveis ao contrário das crianças, adolescentes, mulheres e idosos.

Gráfico 12: Classificação do medo de sofrer algum tipo de violência dentro de casa durante a pandemia, numa escala de zero (nada) a dez (muito).



Portanto, apesar de todas as tensões naturalmente geradas pelo isolamento social, a avaliação da convivência doméstica entre os alunos de gestão pública foi positiva e sem maiores ocorrências no dia a dia com as pessoas que residem com eles. Tal dimensão restou comprovada também no fato de que eles não temem sofrer qualquer tipo de violência dentro das suas casas. Desta forma, podemos concluir que os alunos de gestão pública têm mais medo de sofrer algum tipo de violência nas ruas do que em suas casas. Já em relação à percepção da violência doméstica durante a pandemia, a maioria acredita que a violência aumentou.

3 - UM OLHAR FOCALIZADO NA PANDEMIA DENTRO DE CASA

As perguntas, cujas respostas serão analisadas nesta seção, são originárias da pesquisa "O Termômetro da Crise: Covid-19", que foi realizada entre 16 e 21 de abril de 2020 através da parceria entre o Instituto Olhar, a Netquest e o Centro de Estudos de Criminalidade e Segurança Pública (Crisp), da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Tal estudo revelou que os casos de violência podem ter aumentado em todo o país durante o isolamento social, uma vez que 6,7% dos entrevistados afirmaram que passaram pela primeira vez, dentro de suas próprias casas por insultos, xingamentos, empurrões e ameaças com arma, por exemplo (RIBEIRO e SILVA, 2020).

No *survey* realizado com os alunos de gestão pública entre 22 de janeiro e 22 de fevereiro de 2021 podemos perceber o mesmo cenário, já que 11,6% dos respondentes também afirmaram que presenciaram pela primeira vez ânimos exaltados dentro do lar, ou passaram por xingamentos, insultos e empurrões. O único item que nenhum aluno respondeu ter sofrido foi violência com uso o de faca ou arma. Logo, há mais presença de violências psicológicas e agressões físicas, mas sem o uso de instrumentos que possam resultar na morte do opositor.

Realizei perguntas específicas sobre situações cotidianas que poderiam ter ocorrido durante o isolamento social na tentativa de perceber as mudanças na sociabilidade doméstica dos alunos de gestão pública. Assim como na pesquisa "O Termômetro da Crise: Covid-19", o meu objetivo não era saber se o aluno respondente tinha sido vítima desses eventos, o intuito era saber se essas situações já ocorriam antes, se surgiram após esse novo normal ou se intensificaram com o isolamento social (RIBEIRO e SILVA, 2020).

Ribeiro e Silva (2020) afirmam que é importante nomear as diversas modalidades de abuso que podem acontecer dentro de casa para contribuir com a memória dos entrevistados. Assim, a Tabela 1 apresenta um conjunto de treze situações que poderiam refletir um contexto de agravamento das tensões domésticas: "ânimos exaltados"; "xingamento e insultos"; "ficou emburrado"; "retirou-se do quarto ou de casa"; "choro"; "bateu ou jogou objetos"; "destruiu, jogou ou chutou objetos"; "empurrou ou agarrou"; "tapas, mordidas ou bofetadas"; "espancamento"; "estrangulou ou sufocou"; "ameaças com faca ou arma" e "uso de faca ou arma". Para as respostas foram apresentados quatro cenários possíveis: "não aconteceu"; "aconteceu pela primeira vez"; "aconteceu como já aconteceu antes do isolamento social" e "aconteceu com mais intensidade que das outras vezes".

No primeiro cenário ao qual denominei "não aconteceu", 67% dos alunos de gestão pública responderam que nenhuma das situações mencionadas ocorreu em seu domicílio, o que num primeiro momento poderia indicar que não houve tensionamento no ambiente doméstico, mas que não corresponde à realidade dos respondentes como veremos mais adiante.

No segundo cenário "aconteceu pela primeira vez" 10,7% dos respondentes afirmaram que passaram pela primeira vez por pelo menos uma das situações, com destaque para a situação "choro", posto que 23% disseram que tal evento aconteceu pela primeira vez durante o isolamento social. Pereira (2020) afirma que cuidar da saúde mental pode ser uma tarefa

complexa, já que o momento de incerteza agrava e contribui para que doenças como a depressão e a ansiedade surjam ou se fortaleçam. Nesse contexto, a dinâmica doméstica violenta pode contribuir para deterioração do problema porque, por exemplo, geram ansiedade que se manifesta de forma diferente em cada pessoa, podendo surgir através da dificuldade de concentração, da agitação, de pensamentos constantes sobre a pandemia e de crises de choro. Devemos considerar ainda que as questões psicológicas merecem um cuidado especial durante a pandemia, vez que os transtornos mentais são decorrência da vulnerabilidade biológica e dos fatores ambientais e, se somam a outras variantes como o desemprego, insegurança e medo do futuro (AGÊNCIA O GLOBO, 2020). Esse dado é importante porque demonstra novas reações dentro do lar, o que pode ter impacto na saúde mental dos alunos de gestão pública como vimos acima.

Já no terceiro cenário, "aconteceu como já aconteceu antes do isolamento social", 13,1% dos alunos responderam que as situações apresentadas já ocorriam em sua rotina doméstica, com destaque para a situação "ficou emburrado" que foi respondida por 35% dos alunos. A irritabilidade é um sintoma inespecífico, podendo ser encontrada em indivíduos normais, no entanto, essa se torna patológica quando qualquer estímulo é sentido como perturbador (FU; CURATOLO e FRIEDRICH, 2020). Autores como Barros *et al*. (2020) pontuam que várias condições poderiam explicar sintomas de depressão e ansiedade e problemas de sono durante uma pandemia em contexto de isolamento social visto que a pandemia de COVID-19 introduziu diversos estressores, incluindo solidão decorrente do isolamento social, medo de contrair a doença, tensão econômica e incerteza sobre o futuro.

No quarto e último cenário "aconteceu com mais intensidade que das outras vezes" é o que talvez melhor represente a realidade doméstica durante a pandemia, e que também se repete visto os cenários anteriores. Após as medidas de isolamento social, 9% dos alunos disseram que alguma das treze situações listadas aconteceu com mais intensidade. Dentre essas, destaco duas: 25% disseram que os "ânimos exaltados" e 24% "ficar emburrado" aconteceram com mais frequência. As medidas decorrentes da Covid-19 parecem ter aumentado a percepção sobre agressividade, o que tem uma série de efeitos para suas vidas, em várias situações o mundo doméstico passou a ser palco de episódios de agressividade, que aconteceram pela primeira vez ou com mais intensidade (RIBEIRO e SILVA, 2020).

Tabela 1 – Situações vivenciadas pelos alunos de gestão pública durante o isolamento social (%) (Belo Horizonte, fevereiro de 2021)

Situação	Não aconteceu	Aconteceu pela primeira vez	Aconteceu como já aconteceu antes do isolamento social	Aconteceu com mais intensidade que das outras vezes	Total
Ânimos exaltados	23	19	33	25	100
Xingamentos e insultos	33	19	30	18	100
Ficou emburrado	25	16	35	24	100
Retirou-se do quarto ou de casa	38	20	24	18	100
Choro	37	23	26	14	100
Bateu ou jogou objetos	71	16	8	5	100
Destruiu, jogou ou chutou objetos	83	10	4	3	100
Empurrou ou agarrou	83	8	5	4	100
Tapas, mordidas ou bofetadas	93	3	2	2	100
Espancamento	96	2	1	1	100
Estrangulou ou sufocou	96	2	1	1	100
Ameaças com faca ou arma	96	2	1	1	100
Uso de faca ou arma	98	0	1	1	100

Fonte: A Vida em Tempos de Pandemia: um estudo sobre os impactos do COVID-19.

Seguindo a mesma linha da pesquisa “O Termômetro da Crise: Covid-19”, o *survey* “A Vida em tempos de Pandemia: um estudo sobre os impactos do COVID-19” não objetivava saber se o respondente tinha sido vítima de cada uma dessas situações, a intenção era saber se tinha acontecido no lar dos alunos de gestão pública durante o isolamento social ou se tais eventos eram recorrentes mesmo antes da pandemia.

Ribeiro e Silva (2020) destacam que xingamentos e ameaças muitas vezes não são entendidas como agressões psicológicas e, por isso, não são relatadas em enquetes que perguntam livremente se a pessoa foi vítima de violência doméstica. A primeira pergunta pedia para o entrevistado avaliar a situação “ânimos exaltados” a qual 33% dos alunos disseram que “aconteceu como já aconteceu antes do isolamento social”, ou seja, nesta variável não houve mudanças mesmo após o isolamento social. Os ânimos exaltados dento do lar já fazem parte do dia a dia dos alunos de gestão pública antes mesmo do isolamento social imposto pela pandemia.

Na pesquisa “O Termômetro da Crise: Covid-19”, foi verificado que para 8,7% dos

respondentes o domicílio estava mais tenso pela ocorrência de pelo menos uma das violências com mais intensidade que das outras vezes (RIBEIRO e SILVA, 2020). Então, entre os alunos da gestão pública, 13,1% dos entrevistados disseram que a violência "aconteceu como já aconteceu antes do isolamento social". Esses dados, comparados com a pesquisa nacional apresentada por Ribeiro e Silva (2020) indicam que os alunos da gestão pública sofrem em percentuais mais elevados que os brasileiros com dinâmicas familiares violentas, o que merece ser melhor compreendido em outras pesquisas sobre o tema.

Na pesquisa "O Termômetro da Crise: Covid-19", 6,7% dos entrevistados sinalizaram perspectiva de agravamento da crise ao responderem que pelo menos uma das situações mencionadas havia acontecido pela primeira vez desde o começo das medidas de isolamento. No *survey* com os alunos de gestão pública, o percentual de situações acontecidos pela primeira vez atingiu 10,7% dos respondentes, sendo a situação "uso de faca ou arma" a única que não foi marcada. É um percentual importante porque delineia como estamos enfrentando as novas vivências dentro do lar de forma mais intensa entre os alunos da gestão pública do que entre a população em geral, e, consequentemente apontando para uma maior agressividade no âmbito doméstico. Tal discussão é importante e necessária neste contexto porque a violência doméstica pode potencializar as questões de saúde pública que, por sua vez, também são potencializadas pela pandemia (em razão do medo de contrair a doença, da morte de parentes e da perda econômica), girando um ciclo perverso de violência, depressão e novas violências.

Apesar de algumas situações do *survey* demonstrarem o aumento da tensão dentro do lar, outras não seguiram a mesma tendência. Na parte final da tabela podemos observar que muitas das situações praticamente não aconteceram com os alunos de gestão pública, por exemplo: tapas, mordidas ou bofetadas; espancamento; estrangulamento ou sufocamento; ameaças com faca ou arma; uso de faca ou arma. Nesse caso, 95,8% dos alunos respondeu que estas situações não aconteceram durante o isolamento social.

Portanto, apesar de algumas situações do *survey* demostrarem que não houve aumento da tensão dentro do lar, devemos analisar os dados com cautela. Os cenários "aconteceu pela primeira vez" e "aconteceu com mais intensidade que das outras vezes" acendem alertas importantes. Situações potencialmente de maior gravidade como "espancamento" e "ameaças e uso de faca ou arma" não tiveram muito destaque entre as respostas dos alunos. No entanto, cabe atentar para as questões de cunho emocional como "ânimos exaltados", "xingamentos e

insultos” e “choro”, o que de certa forma demonstram uma certa instabilidade psicológica, foram muito frequentes, o que consequentemente podem se transformar em gatilho para a prática de violência doméstica futura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou analisar os impactos da pandemia de COVID-19 na vida e nas relações domésticas dos alunos do curso de gestão pública da Universidade Federal de Minas Gerais vez que, com as aulas presenciais suspensas, milhares de alunos passaram a viver uma nova realidade: a ausência da rotina universitária e mais tempo dentro de casa.

O estudo aprofundou-se em entender como os alunos lidaram com esta nova realidade imposta pelo isolamento social já que a pandemia impôs ficar mais tempo em casa, estudar e trabalhar de forma remota e acarretou mudanças repentinas na sociabilidade doméstica.

O *survey* que foi disseminado por meio eletrônico entre os alunos de gestão pública teve a participação de 100 estudantes (que presentam exatamente um terço de todos os alunos matriculados) e a proposta era entender um pouco o que mudou em termos de dinâmica de vida, sociabilidade e, especialmente, de interações violentas dentro de casa.

Os resultados indicaram que, em relação à segurança, de forma geral os respondentes afirmaram que se sentem relativamente seguros durante a pandemia, porém, essa perspectiva muda quando a pergunta foi direcionada sobre segurança ao encontrar ruas mais vazias constatou-se que a maioria dos alunos se sentem nada seguros. Em relação à atuação do policiamento ostensivo, uma maior presença ou uma total ausência não foi sentida pelos alunos, o que justifica a percepção da maioria em relação ao aumento no número de furtos e roubos a lojas e residências.

O presente trabalho possibilitou constatar que na percepção da maioria dos alunos do curso de Gestão Pública que respondeu ao *survey*, a violência doméstica aumentou durante a pandemia, contudo eles não temem sofrer violências dentro das suas casas. Concluiu-se que os alunos têm mais medo de sofrer algum tipo de violência nas ruas do que em suas casas. Já nas respostas das situações vivenciadas pelos alunos, apesar de algumas situações do *survey* demonstrarem o aumento da tensão dentro do lar, outras não seguiram a mesma tendência. Porém, os dados devem ser analisados com cautela, posto que os percentuais verificados com os cenários “aconteceu pela primeira vez” e “aconteceu com mais intensidade que das outras vezes” acendem alertas importantes.

O presente trabalho possibilitou constatar que devemos nos atentar para os impactos que a pandemia vem causando na sociabilidade, nas interações dentro de casa e nas questões de cunho emocional. Quando completamos exatamente um ano de restrições e de isolamento social, o Brasil vive o momento mais crítico da pandemia de COVID-19 e sem nenhuma

perspectiva de melhora em curto prazo. Desta forma, mais do que nunca é urgente pensar nas pessoas, nas suas relações e nas consequências que esse vírus trouxe e ainda trará para as nossas vidas.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASIL. “Organização Mundial de Saúde declara pandemia de novo Coronavírus”. Agência Brasil, 11 de março de 2020. Disponível (on-line) em: < https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-03/organizacao-mundial-da-saude-declara-pandemia-de-coronavirus > Acesso em: 22/01/2021.

AGÊNCIA MINAS. “Minas Gerais tem o menor índice de crimes violentos dos últimos nove anos”. Agência Minas, 16 de dezembro de 2020. Disponível (on-line) em: < http://www.agenciaminas.mg.gov.br/noticia/minas-gerais-tem-o-menor-indice-de-crimes-violentos-dos-ultimos-nove-anos > Acesso em: 07/03/2021.

AGÊNCIA O GLOBO. “Depressão e suicídio: as consequências silenciosas da pandemia da Covid-19”. Agência O Globo, 31 de agosto de 2020. Disponível (on-line) em: < https://saude.ig.com.br/2020-08-31/depressao-e-suicidio-as-consequencias-silenciosas-da-pandemia-da-covid-19.html > Acesso em: 17/03/2021.

ANGOTTI, Bruna; VIEIRA, Regina Stela Corrêa. “O podcast Cuidar, Verbo Coletivo: Uma forma de falar sobre cuidado na pandemia”. **DILEMAS: Revista de Estudos de Conflitos e Controle Social**. Rio de Janeiro, 02 de dezembro de 2020. Disponível (on-line) em: < https://www.reflexpandemia.org/texto-92 > Acesso em: 26/02/2021.

ARAUJO, Marcella. “A casa como problema e os problemas das casas durante a pandemia de Covid-19”. **DILEMAS: Revista de Estudos de Conflitos e Controle Social**. Rio de Janeiro, 22 de abril de 2020. Disponível (on-line) em: < https://www.reflexpandemia.org/texto-7 > Acesso em: 22/01/2021.

ARREGUY, Juliana; ESPINA, Ricardo. UOL, 10 de março de 2021. Disponível (on-line) em: < https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2021/03/10/covid-19-coronavirus-casos-mortes-10-de-marco.htm > Acesso em: 12/03/2021.

BARROS, Marilisa Berti de Azevedo et al. Relato de tristeza/depressão, nervosismo/ansiedade e problemas de sono na população adulta brasileira durante a pandemia de COVID-19. Epidemiol. Serv. Saúde, Brasília, v. 29, n. 4, e2020427, set. 2020. Disponível (on-line) em: < http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-49742020000400021 > Acesso em: 18/03/2021.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil, de 05 de outubro de 1988. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, 05 out. 1988. Disponível (on-line) em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm > Acesso em: 02/03/2021.

CAETANO, Guilherme. “Crimes patrimoniais diminuem e assassinatos aumentam no Brasil durante pandemia, diz estudo”. O GLOBO, 15 de maio de 2020. Disponível (on-line) em: < https://oglobo.globo.com/brasil/crimes-patrimoniais-diminuem-assassinatos-aumentam-no-brasil-durante-pandemia-diz-estudo-1-24428447 > Acesso em: 07/03/2021.

CARRIJO, Débora Couto; MENEGUSSI, Juliana Morais. “Posso ver seu documento? Os desafios dos profissionais de Segurança pública e privada em tempos de COVID-19”.

INFORMASUS UFSCAR, 07 de julho de 2020. Disponível (on-line) em: < https://www.informasus.ufscar.br/os-desafios-dos-profissionais-de-seguranca-publica-e-privada-em-tempos-de-covid-19/ > Acesso em: 02/03/2021.

CRISP. Percepção de Medo no Estado de Minas Gerais. Centro de Estudos de Criminalidade e Segurança Pública. UFMG, març 2010. Disponível (on-line) em: < https://www.crisp.ufmg.br/wp-content/uploads/2016/10/T078_Relat%C3%B3rioFinal_Percep%C3%A7%C3%A3oMedo-MG_2010.pdf > Acesso em: 18/02/2021.

FBSP. Anuário Brasileiro de Segurança Pública – 2020. Brasília: FBSP, 2020. Disponível (on-line) em: < https://forumseguranca.org.br/anuario-brasileiro-seguranca-publica/ > Acesso em: 02/03/2021.

FBSP. Violência Doméstica Durante Pandemia de Covid-19 - Edição 02. Brasília: FBSP, 2020. Disponível (on-line) em: < https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2020/06/violencia-domestica-covid-19-ed02-v5.pdf > Acesso em: 07/03/2021.

FBSP. Violência Doméstica Durante Pandemia de Covid-19 - Edição 03. Brasília: FBSP, 2020. Disponível (on-line) em: < https://forumseguranca.org.br/publicacoes_posts/violencia-domestica-durante-pandemia-de-covid-19-edicao-03/ > Acesso em: 15/03/2021.

FU I, Lee; CURATOLO, Eliana; FRIEDRICH, Sonia. Transtornos afetivos. Rev. Bras. Psiquiatr. , São Paulo, v. 22, supl. 2, pág. 24-27, dezembro de 2000. Disponível (on-line) em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462000000600007&lng=en&nrm=iso> Acesso em 17 de março de 2021.

G1. “Coronavírus: o que se sabe sobre o novo vírus que surgiu na China”. G1, Rio de Janeiro, 27 de fevereiro de 2020. Disponível (on-line) em: < https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/02/27/o-que-se-sabe-e-o-que-ainda-e-duvida-sobre-o-coronavirus.ghtml > Acesso em: 22/01/2021.

G1. “Em plena quarentena, Brasil tem alta de 8% no número de assassinatos em abril”. G1, Rio de Janeiro, 17 de junho de 2020. Disponível (on-line) em: < https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/2020/06/17/em-plena-quarentena-brasil-tem-alta-de-8percent-no-numero-de-assassinatos-em-abril.ghtml > Acesso em: 07/03/2021.

HOJE EM DIA. “Polícia Militar e especialista dão dicas de segurança durante o isolamento”. Hoje Em Dia, Belo Horizonte, 20 de março de 2020. Disponível (on-line) em: < https://www.hojeemdia.com.br/horizontes/pol%C3%ADcia-militar-e-especialista-d%C3%A3o-dicas-de-seguran%C3%A7a-durante-o-isolamento-veja-v%C3%ADdeo-1.779221 > Acesso em: 25/02/2021.

JORNAL DA USP. “Pesquisa analisa raízes e consequências socioeconômicas da violência contra a mulher na pandemia”. Jornal da USP, 06 de janeiro de 2021. Disponível (on-line) em: < https://jornal.usp.br/ciencias/pesquisa-analisa-raizes-e-consequencias-socioeconomicas-da-violencia-contra-a-mulher-na-pandemia/ > Acesso em: 04/03/2021.

JESUS, Ricardo dos Santos. “Os desafios do governo brasileiro para o enfrentamento da pandemia do coronavírus.” Revista Augustus, Rio de Janeiro, v. 25, n. 51, p.(31-55), jul/out 2020. Disponível (on-line) em: < https://revistas.unisuam.edu.br/index.php/revistaaugustus/article/view/556/290 > Acesso em: 12/03/2021.

MALAQUIAS, Roberto Antônio Darós. “Segurança pública na Covid-19 e a PEC 168: em busca da eficiência policial”. CONJUR, 08 de junho de 2020. Disponível (on-line) em: < https://www.conjur.com.br/2020-jun-08/malaquias-seguranca-publica-covid-19-pec-168 > Acesso em: 02/03/2021.

MALFITANO, Ana Paula Serrata; CRUZ, Daniel Marinho Cezar da; LOPES, Roseli Esquerdo. Terapia ocupacional em tempos de pandemia: seguridade social e garantias do cotidiano possível para todos. **Cafajeste. Bras. Ter. Ocup.** , São Carlos, v. 28, n. 2, pág. 401-404, junho de 2020. Disponível (on-line) em: < https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2526-89102020000200401 > Acesso em: 03/03/2021.

MATARAZZO, Gustavo; FERNANDES, Alan; ALCADIPANI, Rafael. Organizações policiais frente à pandemia: sensemaking, liderança e discricionariedade. Rev. Adm. Pública, Rio de Janeiro, v. 54, n. 4, p. 898-908, agosto de 2020. Disponível (on-line) em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-76122020000400898&lng=pt&nrm=iso > Acesso em: 04/03/2021.

MATOSINHOS, Isabella; ARAÚJO, Isabella. “Por que a violência contra a mulher cresce durante a pandemia da COVID-19?” Belo Horizonte, julho de 2020. Disponível (on-line) em: < http://www.justificando.com/2020/07/02/por-que-a-violencia-contra-a-mulher-cresce-durante-a-pandemia-da-covid-19/ > Acesso em: 16/03/2021.

MONTEIRO, Lilian. “COVID-19: crianças e adolecentes à mercê da violência doméstica”. Estado de Minas, 08 de maio de 2020. Disponível (on-line) em: < https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2020/05/08/interna_gerais,1145429/covid-19-criancas-e-adolecentes-a-merce-da-violencia-domestica.shtml > Acesso em: 07/03/2021.

MORAES, Gabriel. “Comerciantes de BH reclamam de arrombamentos e furtos durante quarentena”. O TEMPO, Belo Horizonte, 21 de abril de 2020. Disponível (on-line) em: < https://www.otempo.com.br/cidades/comerciantes-de-bh-reclamam-de-arrombamentos-e-furtos-durante-quarentena-1.2327445 > Acesso em: 06/03/2021.

MOTTA, Eugênia. “Ambiguidades domésticas e a pandemia”. **DILEMAS: Revista de Estudos de Conflitos e Controle Social**. Rio de Janeiro, 18 de maio 2020. Disponível (on-line) em: < https://www.reflexpandemia.org/texto-19 > Acesso em: 07/03/2021.

NAÇÕES UNIDAS NO BRASIL. “Chefe da ONU alerta para aumento da violência doméstica em meio à pandemia do coronavírus.” Brasil, 06 de abril de 2020. Disponível (on-line) em: < https://brasil.un.org/pt-br/85450-chefe-da-onu-alerta-para-aumento-da-violencia-domestica-em-meio-pandemia-do-coronavirus > Acesso em: 06/03/2021.

PARREIRAS, Mateus. “Na pandemia, violência despenca em MG, mas um tipo de crime aumenta”. UAI, 2020. Disponível (on-line) em: < https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2020/10/03/interna_gerais,1191293/na-pandemia-violencia-despenca-em-mg-mas-um-tipo-de-crime-aumenta.shtml > Acesso em: 06/03/2021.

PEBMED. “Violência doméstica: uma pandemia dentro da pandemia”. Rio de Janeiro, 28 de janeiro de 2021. Disponível (on-line) em: < https://pebmed.com.br/violencia-domestica-uma-pandemia-dentro-da-pandemia/ > Acesso em: 05/03/2021.

PEREIRA, Marcela Schild. “Psicólogas explicam sobre saúde mental e controle da ansiedade diante da pandemia”. Universidade de Santa Cruz do Sul, 23 de março de 2020. Disponível (on-line) em: < https://www.unisc.br/pt/noticias/psicologas-explicam-sobre-saude-mental-e-controle-da-ansiedade-diante-da-pandemia > Acesso em: 17/03/2021.

PICCINI, Ana; ARAÚJO Tiago. “Violência Doméstica no Brasil: desafios do isolamento”. Politize, 02 de julho de 2021. Disponível (on-line) em: < https://www.politize.com.br/violencia-domestica-no-brasil/ > Acesso em: 07/03/2021.

POLÍCIA MILITAR DE MINAS GERAIS. “Minas Segura – Enfrentamento ao COVID-19”. PMMG, Belo Horizonte, 06 de abril de 2020. Disponível (on-line) em: < https://www.policiamilitar.mg.gov.br/portal-pm/apm/conteudo.action?conteudo=202410&tipoConteudo=noticia > Acesso em: 27/02/2021.

RIBEIRO, Ludmila; SILVA, Braúlio. “O coronavírus, as mulheres e o lar: Uma combinação explosiva?”. **DILEMAS: Revista de Estudos de Conflitos e Controle Social**. Rio de Janeiro, 03 de novembro de 2020. Disponível (on-line) em: < https://www.reflexpandemia.org/texto-86 > Acesso em: 03/03/2021.

RICARDO, Carolina. “A segurança pública brasileira em tempos de coronavírus”. FES Brasil, Fundação Friedrich Ebert, 20 de julho de 2020. Disponível (on-line) em: < https://brasil.fes.de/detalhe/a-seguranca-publica-brasileira-em-tempos-de-coronavirus > Acesso em: 01/02/2021.

SCHIRATO, Maria Aparecida Rhein. “Novo normal: entenda melhor esse conceito e seu impacto em nossas vidas”. Insper, São Paulo, 07/05/2020. Disponível (on-line) em: < https://www.insper.edu.br/noticias/novo-normal-conceito/ > Acesso em: 26/01/2021.

UFMG. “UFMG anuncia suspensão das aulas presenciais a partir de quarta-feira, 18”. UFMG, Belo Horizonte, 24 de março de 2020. Disponível (on-line) em: < https://ufmg.br/comunicacao/noticias/ufmg-anuncia-interrupcao-progressiva-de-atividades > Acesso em: 29/01/2021.

VIEIRA, Pâmela Rocha; GARCIA, Leila Posenato; MACIEL, Ethel Leonor Noia. “Isolamento social e o aumento da violência doméstica: o que isso nos revela?”. Rev. bras. epidemiol., Rio de Janeiro, v. 23, e200033, 2020. Epub Apr 22, 2020. Disponível (on-line) em: < https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-790X2020000100201

> Acesso em: 06/03/2021.